

Discurso da Abertura Solene das Aulas 2016/2017

Faz hoje, dia 10 de Outubro, 42 anos que tomou posse a Comissão Instaladora do Instituto Politécnico da Covilhã, dando início ao ensino superior na Beira Interior. Data muito propícia para começarmos solemente o novo ano lectivo. Com a cerimónia de hoje encerramos também a série de eventos com que desde Janeiro temos celebrado o trigésimo aniversário da UBI, criada em 1986. E fazemo-lo atribuindo a distinção de doutores honoris causa ao poeta António Salvado, à historiadora Elisa Pinheiro e ao engenheiro Ryszard Kowalczyk, também docentes por profissão.

Em 30 de Abril passado, dia da Universidade, tive oportunidade de lembrar o percurso trilhado ao longo das 4 décadas da nossa história, um percurso de esforço e de perseverança, na superação de obstáculos e na obtenção de sucessos, que nos conduziram ao que somos hoje: uma universidade segura de si e respeitada pelos outros. A recente inclusão da UBI na lista das melhores universidades da Times Higher Education, colocando-nos directamente entre as 600 e as 800 melhores, ao lado de universidades tão reputadas como a nossa vizinha Universidade de Salamanca, enche-nos de confiança e – porque não dizê-lo? – também de orgulho. A competição para estar na lista das melhores universidades é feita à escala global e é cada vez mais exigente. Muitas universidades europeias, algumas de

pergaminhos seculares, descem e a saiem mesmo do ranking devido à forte concorrência das universidades asiáticas. Sim, porque esta lista de mil universidades da Times Higher Education apenas compreende cerca de 5% das universidades existentes mundo fora. Obviamente que não trabalhamos para rankings ou métricas, mas gostamos de ver o nosso trabalho reconhecido por instituições idóneas.

Minhas senhoras e meus senhores,

O que temos feito, fazemos e continuaremos a fazer na UBI é ensinar e fazer ciência como cultura de exigência. É o que sabemos fazer, que gostamos de fazer e que temos consciência de fazer bem. Esta é a missão fulcral da universidade e tudo o mais vem por acréscimo.

Não reduzimos a ciência a um conjunto de conhecimentos certos, demonstráveis e fiáveis, sobre a natureza e o homem. Portanto, não encaramos, nem preconizamos, a formação científica como uma simples aquisição de conhecimentos transmitidos pelos mestres de outrora ou de agora. Isso seria retirar à ciência a fascinação e a magia que os gregos viam na nova forma de saber e a que chamaram *épistême*. Aristóteles escreve que a ciência começa com um “milagre” (literalmente), que é a admiração, o espanto de as coisas serem como são e de se comportarem como se comportam, que leva os homens a interrogarem-se do porquê disso acontecer. Queremos que os jovens, e os menos jovens, que formamos

sintam a fascinação da ciência, a fascinação de entender o que nos rodeia, que nos causa estranheza e nos leva a perguntar “porquê?”. A ciência é a atitude permanente dos porquês e da busca incessante de encontrar respostas para essas perguntas.

O dia a dia, com os seus afazeres e preocupações, vai estiolando a capacidade e vontade de nos interrogarmos. Às tantas aceitamos coisas e eventos sem energia para fazermos mais perguntas, resignando-nos à explicação trivial de que é assim porque assim.

A universidade é um espaço especial justamente porque fomenta a atitude inquisitiva, e, para além das interrogações e respostas, nos leva ao mundo das hipóteses e das alternativas. É verdade que é assim, mas não poderia ser de outra maneira? É fazendo perguntas que entendemos as coisas e respectivas causas e só assim conseguimos ir mais além nas descobertas e nas invenções. Não podemos chegar ao novo, ao que ainda não existe, se não compreendermos o velho, o que já existe.

E isso estende-se às próprias perguntas e às respostas. Há perguntas e respostas feitas há séculos e milénios e convém conhecê-las sob pena de não inventar novamente a roda. Na procura incessante de novo conhecimento a universidade assume o papel de educadora, no sentido etimológico do termo, de levar o jovem que se interroga sobre o universo, a natureza e o homem, ao convívio de todos os outros que também se

perguntaram ou perguntam o mesmo e, assim, introduzi-lo na comunidade universitária. O elemento pedagógico da universidade é fundamental e nunca poderá ser descurado. Desde logo na aprendizagem de como questionar. Lá porque todos se questionam tal não significa que não haja uma metodologia da pergunta, à semelhança aliás do que acontece com a língua ou com o pensar. Lá porque todos falam e pensam, tal não significa que não haja um estudo da língua e do pensar, uma aprendizagem metódica do vocabulário, da gramática e da lógica.

De facto, só produzimos conhecimento e ciência, sobretudo bom conhecimento, se tivermos adquirido antes bom conhecimento e boa ciência. Ora isso só se consegue com estudo. Sendo a universidade no seu âmago uma comunidade de transmissão de conhecimento, engendrada na Idade Média sob a forma social de uma corporação de mestres e aprendizes, a sua alma é o estudo, isto é, o espírito que lhe dá vida e a move é o estudo. Daí que uma universidade se reconheça pela grandeza da sua alma. Só é grande uma universidade onde muito se estuda, onde todos estudam, a todo o tempo, e em que tudo, aulas, laboratórios e bibliotecas, centros e serviços, sirvam o propósito do estudo.

A ciência não é fácil. Por experiência própria sabemos que é uma actividade árdua, exigente. Exige trabalho, concentração, disciplina. Mas sabemos também como recompensa bem o trabalho empregue. A satisfação, a alegria, o prazer intelectual que sentimos quando resolvemos um

problema, quando uma hipótese comprovadamente (e é neste “comprovadamente” que está o método e se investe o trabalho) se converte em tese, valem bem todos os esforços dispendidos. Mas o percurso até à obtenção de resultados é árduo, muitas vezes equiparável à travessia de um deserto, quando surgem dúvidas sobre o caminho já feito e o que ainda falta fazer, sobre a meta do percurso e até sobre o ponto de partida. Quem fez uma tese de doutoramento de certeza que em algum momento do percurso experimentou o desânimo e se perguntou sobre o sentido daquilo tudo.

A universidade é o habitat natural da ciência. Também se faz seguramente em outros lugares, por exemplo, em laboratórios de grandes empresas ou em institutos públicos criados para o efeito, mas é na universidade que ela está intimamente associada ao desejo humano de conhecer sem qualquer outra finalidade que não seja o próprio conhecimento. É aí que se visa a ciência pura, que poderá ter ou não ter aplicações e resultados práticos. É dentro da universidade que os jovens deparam com a ciência imperfeita, em construção, como se fora um estaleiro de ideias, experiências e descobertas. É justamente neste ambiente de aprendizagem, experimentação e descoberta que os alunos absorvem a cultura de exigência, na clareza das ideias e conceitos, no rigor da experimentação e recolha de dados, na robustez das explicações e na solidez da teoria.

Não há ciência sem comunidade científica. De facto, se há algo que caracteriza a ciência é o de ser um saber partilhável, aberto, acessível a quem se der ao trabalho de reconstruir os passos dados no seu fazer original. Mas é também cada vez mais um fazer em grupo. A importância de hoje um investigador estar integrado em equipas internacionais não invalida -- antes, pelo contrário! -- a necessidade do grupo local. Saber o que se faz pelo mundo fora e divulgar mundo fora o que aqui se faz exige a equipa ou grupo local. Quem faz ciência sabe que não é uma actividade estanque, que se pega às 9 da manhã e se larga às 5 da tarde, mas uma envolvimento constante, que se torna conversa frente a um café no bar, ou tema de discussão à hora de almoço, ou uma questão que tem de ser feita à noite por um email ou um telefonema ao colega de laboratório. Sim, a ciência é uma paixão que se vive em comum, em que esforços, desalentos, e alegrias são partilhados em conjunto.

É este ambiente de trabalho, de paixão, de partilha entre docentes, discentes e funcionários, que queremos intensificar e, assim, fazermos uma UBI ainda mais viva e mais vibrante.

Integramos, nesta sessão de abertura solene do ano letivo de 2016-2017, a atribuição do doutoramento *honoris causa* aos Senhores Dr. António Salvado, Dra. Elisa Pinheiro e Prof. Ryszard Kowalczyk, personalidades que, pela obra realizada nos respetivos âmbitos e pelo contributo para engrandecer o nome da Universidade da Beira Interior e da região, merecem, com toda a justiça, receber a maior homenagem da instituição. Cabe aos padrinhos – que o farão muito melhor do que eu - fazer o elogio dos doutorandos. Mas permitam-me desde já agradecer-lhes, em breves palavras, terem aceitado receber o grau de doutor *honoris causa* pela UBI. É nosso privilégio podermos colher as suas experiências e reconhecer publicamente a entrega e generosidade com que, ao longo das suas carreiras, se dedicaram à cultura e à ciência, engrandecendo-as.

Não posso aqui deixar de mencionar que foi essa entrega e generosidade que a UBI reconheceu em António Guterres em 2010 ao conferir-lhe nesta mesma sala o nosso doutoramento *honoris causa*. Hoje a comunidade das nações reconhece o valor e a capacidade de António Guterres para liderar a ONU em tempos difíceis. Aproveito para deste lugar lhe desejar as maiores felicidades no exercício da sua missão em prol da paz e da justiça no mundo.

António Forte Salvado é uma figura cimeira da cultura e da poesia portuguesa. Natural de Castelo Branco, aos quinze anos já publicava *Poemas de Alma*, o primeiro de mais de cem títulos, em que se destacam,

a par de temas de abrangência universal, as temáticas do quotidiano beirão e as quadras festivas que aqui se viviam. Para além da poesia, tem desenvolvido um aturado trabalho em prol não só da excelência da língua portuguesa, com várias obras publicadas em Portugal e no Brasil, mas também da consolidação e divulgação do cânone literário português, com a edição de antologias e a elaboração da biografia dos principais poetas portugueses e estrangeiros, traduções, edições, roteiros, entre outros, e ainda organização de jornadas e colóquios, um sem-número de atividades que constituem um currículo riquíssimo. A par de todas estas atividades, presidiu à direção do Museu Francisco Tavares Proença durante mais de quinze anos e é hoje uma das figuras maiores da cultura Albicastrense e Beirã, mas de incontornável espírito universal.

Na pessoa da Dra. Elisa Calado Pinheiro reconhecemos o trabalho de uma das investigadoras mais importantes no estudo do património industrial da Covilhã e principal obreira do Museu de Lanifícios da UBI, que dirigiu até 2011, distinção esta que vai além do que fez na instituição. O trabalho realizado tendo por fundo o passado da indústria têxtil da região é fundamental não só para a UBI, mas também para toda a memória da Covilhã e, conseqüentemente, para as gerações futuras. Tudo o que é o património industrial da cidade, que neste momento se concretiza no Museu de Lanifícios, tem na Dra. Elisa Calado Pinheiro uma figura central. Foi um extenso e laborioso trabalho de salvaguarda e conservação ativa do património industrial têxtil, associado à investigação e à divulgação da

tecnologia associada tanto à manufatura como à industrialização dos lanifícios, do qual resultou um Museu que, além de ter sido galardoado com o prémio de Melhor Museu Português 1999-2001 pela Associação Portuguesa de Museologia, contextualiza esta atividade nas vertentes antropológica, económico-social, cultural, político-institucional e ambiental, numa vasta área que tem por matriz a Serra da Estrela e por centro histórico a cidade da Covilhã, afirmando-se como um centro de interpretação da rota turística peninsular Rota da Lã-TRANSLANA. O Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior é hoje, portanto, uma referência da região, que a projeta além de si mesma e das fronteiras e tal facto deve-se à dedicação da Dra. Elisa Calado Pinheiro e da equipa que soube dirigir, e que o Prof. António Santos Pereira, seu sucessor na Direcção do Museu, tem exemplarmente continuado.

Quem também ajudou a construir a história da UBI foi Ryszard Kowalczyk, docente ao longo de 19 anos, na área da Engenharia Civil. Em 1992, foi um dos muitos professores que vieram do Leste Europeu para a instituição, onde desempenhou os cargos de diretor de curso e presidente do Departamento de Engenharia Civil. Paralelamente às funções desempenhadas, foi, com o seu forte dinamismo e liderança natural, um dos mais empenhados membros da comunidade de professores polacos na UBI, que soube construir pontes de cooperação entre esta Universidade e as suas congéneres na Polónia, desenvolvendo e fortalecendo o intercâmbio de estudantes, docentes e não docentes, e até mesmo as

próprias relações entre ambos os países. Deixou a UBI em 2009, para voltar para a Polónia. É uma figura de renome internacional e que já recebeu outros doutoramentos Honoris Causa, algo que deixa feliz a UBI, uma vez que é um elemento que faz parte da história da Universidade.

Sra Secretária de Estado, minhas senhoras e meus senhores

A atribuição do doutoramento honoris causa às personalidades de António Salvado, Elisa Pinheiro e Ryszard Kowalczyk é entrar com o pé direito no novo ano lectivo. Honrando quem pelo seu percurso de vida nos honra ao ingressar no nosso colégio de doutores fortalece-nos e dá-nos mais ânimo para enfrentar os desafios que se nos colocam.

Muito obrigado a todos pela atenção.